

# Leo graecus? Debates sobre a presença do leão em território helênico – o caso de Polidamas de Escotusa

Thiago do Amaral Biazotto<sup>1</sup>

 0000-0003-4339-1526

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 15, 2021, virtual. **Atas do XV Encontro de História da Arte.** Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 15, 2022.

DOI: 10.20396/eha.15.2021.4664

## Resumo

Este artigo apresenta o debate sobre a presença do leão em território grego, tomado como fonte a história de Polidamas de Escotusa, lutador de pancrácio cujas proezas foram eternizadas em texto e imagem. A partir de breve exame a respeito dos episódios da vida de Polidamas, será argumentado que não há base documental suficiente para apresentá-los como argumento irrefragável em favor da presença do leão como espécie autóctone na Grécia.

**Palavras-chave:** Polidamas de Escotusa. Caça ao leão. Lísipo. Arte grega. Arte helenística.

---

<sup>1</sup>Graduado, mestre e doutorando em História pela Unicamp. Trabalho financiado pelo CNPq (141445/2019-0).

## Introdução

Não se pode caçar uma presa inexistente. Assim, a discussão envolvendo a presença do leão na Grécia - especificamente da subespécie *Panthera leo persica* - sempre foi candente entre acatados historiadores, geógrafos e pesquisadores da fauna e flora do Mundo Antigo. Entretanto, com a descoberta da Tumba II de Vergina, e da importância do tema da caça leonina para sua datação, o debate assumiu as feições bizantinas: por um lado, o escavador da tumba – Manolis Andronikos, bem como seus seguidores - são ferrenhos defensores de que os grandes felinos tinham presença autóctone no solo grego, em especial na Macedônia. Por outro, nomes como Olha Palagia e Eugene Borza vão em sentido contrário, defendendo tanto o caráter alienígena da espécie como o fato de que os macedônios apenas passaram a predação de leões após a expedição asiática de Alexandre Magno. À parte fontes de tradição textual, um dos episódios mobilizados envolve a trajetória do pancratista Polidamas de Escotusa. Vencedor da Olimpíada de 408 a.C., o lutador teria sido capaz de abater um leão com as mãos nuas no monte Olimpo, façanha tão extraordinária que levou Dario II (r. 424 – 404 a.C.) a convidá-lo à corte de Susa. O encontro entre esportista e Grande Rei teria sido fantástico a ponto não somente de ser registrado por Pausânias, mas, também, eternizado em um grupo escultórico.

## Documentos literários

Se é assim que se caça um leão? Eu não sei. Nunca vi um  
John Patterson, interpretado por Val Kilmer, em  
*The Ghost and the Darkness* (1996), dirigido por Stephen Hopkins

O conjunto de autores que fazem menção aos locais em que leões eram avistados na Grécia é composto por Heródoto, Xenofonte, Aristóteles, Pausânias e Eliano. Segundo Briant, os sucessores do historiador de Halicarnasso pautaram-se em seus escritos, tornando-o fonte capital para o tema<sup>2</sup>. O trecho de Pausânias (6.5.4-7) versa sobre os feitos de Polidamas de Escotusa:

Outros obtiveram vitórias gloriosas no pancrácio, mas Polidamas, além de seus prêmios pelo pancrácio, tem em seu crédito as seguintes façanhas. A parte montanhosa da Trácia, desse lado, o rio Nesto, que atravessa a terra de Abdera, cria, entre outras bestas selvagens, leões, que atacaram o exército de Xerxes, e atacaram

---

<sup>2</sup>BRIANT, Pierre. "Chasses royales macedoniennes et chasses royales perses: le theme de la chasse au lion sur la Chasse de Vergina". *Dialogues d'histoire ancienne*, nº 17, 1991, p. 237. MacKinnon, estranhamente, não se posiciona sobre essa questão. Ver: MacKINNON, Michael. "Fauna of the Ancient Mediterranean World". In: CAMPBELL, Gordon Linsay (ed.). *The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 147-166.

os camelos que carregavam seus suprimentos. Esses leões, com frequência, perambulam em torno do monte Olimpo - que tem um de seus lados voltados para a Macedônia, e outro para a Tessália -, e do rio Peneios. No monte Olimpo, Polidamas se assegurou de um leão, fera enorme e poderosa, sem a ajuda de nenhuma arma. Ele foi impelido a essa empresa para rivalizar com as façanhas de Hércules, porque Hércules também fez o mesmo com o leão em Nemeia

Dario, o filho bastardo de Artaxerxes, que com o apoio do povo persa derrubou Sógdio, o filho legítimo de Artaxerxes, e subiu ao trono em seu lugar, aprendendo quando era rei as façanhas de Polidamas, enviou mensageiros com a promessa de presentes e convenceu-o a comparecer diante de sua presença em Susa. Lá, ele desafiou três dos persas chamados imortais a lutar contra ele - um contra três - e os matou. De suas façanhas enumeradas, algumas são representadas no pedestal da estátua em Olímpia, e outras são apresentadas na inscrição<sup>3</sup>

Cabe exame de um mapa topográfico da Grécia em busca da localização dos territórios citados por Pausânias<sup>4</sup> [Figura 1]. São mencionados dois rios que atuariam como barreiras para o avanço dos leões: Nesto e Peneios. Ao consultar o mapa, vemos que Nesto deságua no Mar Trácio, e tanto ele como a Abdera estão em zonas fronteiriças entre Trácia e Macedônia. Fronteiras são, por definição, móveis, e tanto o mais quando falamos da Antiguidade. Contudo, vale lembrar que a Macedônia, antes de Filipe II, era das regiões mais fechadas do mundo grego. As diversas cadeias montanhosas que a cercam, assim como o regime monárquico que ali se desenvolveu, são exemplos simples, embora evocativos, de como os reis macedônios davam mais atenção aos assuntos intestinos do que à expansão territorial<sup>5</sup>. Assim, embora as regiões banhadas pelo Nesto tenham sido assimiladas à Macedônia por Filipe II, não parece ser o caso de considerar que fossem historicamente macedônicas, tampouco autoriza a tornar irrefragável a hipótese de seus que os soberanos a utilizavam para caçar.

O monte Olimpo, por seu turno, está localizado na porção central do território grego, na Tessália, mesma região por onde passa o rio Peneios, igualmente citado por Pausânias. Ambos, portanto, pareciam igualmente fora do campo de ação macedônio nos séculos V e IV a.C.

<sup>3</sup>παγκρατίου μὲν δὴ καὶ ἄλλοις ἤδη γεγόνασιν ἐπιφανεῖς νῖκαι: Πουλυδάμαντι δὲ τάδε ἄλλοῖα παρὰ τοὺς ἐπὶ τῷ παγκρατίῳ στεφάνους ὑπάρχοντά ἐστιν. ἡ ὄρεινὴ τῆς Θράκης, ἡ ἔνδον Νέστου ποταμοῦ τοῦ ῥέοντος διὰ τῆς Ἀβδηριτῶν, καὶ ἄλλα θηρία, ἐν δὲ αὐτοῖς παρέχεται καὶ λέοντας, οἳ καὶ τῷ στρατῷ ποτε ἐπιθέμενοι τῷ Ξέρξου τὰς ἀγούσας καμήλους τὰ σιτία ἐλυμήναντο. οὔτοι πολλακίς οἱ λέοντες καὶ ἐς τὴν περὶ τὸν Ὀλυμπον πλανῶνται χώραν: τούτου δὲ τοῦ ὄρους ἡ μὲν ἐς Μακεδονίαν πλευρά, ἡ δὲ ἐπὶ Θεσσαλοῦς καὶ τὸν ποταμὸν τέτραπται τὸν Πηνειόν: ἐνταῦθα ὁ Πουλυδάμας λέοντα ἐν τῷ Ὀλύμπῳ, μέγα καὶ ἄλκιμον θηρίον, κατειργάσατο οὐδενὶ ἐσκευασμένος ὄπλῳ. προήχθη δὲ ἐς τὸ τόλμημα φιλοτιμίᾳ πρὸς τὰ Ἡρακλέους ἔργα, ὅτι καὶ Ἡρακλέα ἔχει λόγος κρατῆσαι τοῦ ἐν Νεμέᾳ λέοντος. Δαρεῖος δὲ Ἀρταξέρξου παῖς νόθος, ὃς ὁμοῦ τῷ Περσῶν καὶ δῆμῳ Σόγδιον καταπαύσας παῖδα Ἀρταξέρξου γνήσιον ἔσχεν ἀντ' ἐκείνου τὴν ἀρχήν, οὗτος ὡς ἐβασίλευσεν ὁ Δαρεῖος—ἐπυυθάνετο γὰρ τοῦ Πουλυδάμαντος τὰ ἔργα—, πέμπων ἀγγέλους ὑπισχνούμενος δῶρα ἀνέπεισεν αὐτὸν ἐς Σοῦσά τε καὶ ἐς ὄψιν ἀφικέσθαι τὴν αὐτοῦ. ἐνθα δὴ κατὰ πρόκλησιν Περσῶν ἄνδρας τῶν καλουμένων ἀθανάτων ἀριθμὸν τρεῖς ἀθρώους οἱ μονομαχήσαντας ἀπέκτεινεν. ἔργων δὲ τῶν κατειλεγμένων οἱ τὰ μὲν ἐπὶ τῷ βάρθρῳ τοῦ ἀνδριάντος ἐν Ὀλυμπίᾳ, τὰ δὲ καὶ δηλούμενά ἐστιν ὑπὸ τοῦ ἐπιγράμματος (Todas as traduções são minhas, salvo indicação contrária).

<sup>4</sup>As possíveis fontes de Pausânias são: Heródoto. 7. 125-6 (ataque à caravana de Xerxes e localização dos leões); Xenofonte. *Cinegético*. 11. 1-4 (localização dos leões) e Aristóteles. *História dos Animais*. 579a 37-39 - 579b1-16 (localização dos leões).

<sup>5</sup>BORZA, Eugene. *In the Shadow of Olympus: The Emergence of Macedon*. Princeton: Princeton University Press, 1990.



**Figura 1:**  
Mapa da Grécia.

### Documento iconográfico – o caso de Polidamas de Escotusa

Uma base de estátua, descoberta em Olímpia e hoje sob a tutela do museu local (inv. nº Λ 45), possui programa iconográfico que retrata os feitos de Polidamas<sup>6</sup>. Com 1 m de comprimento e 0,38 m de altura, ela retrata o que parece ser o pancratista, erguendo um rival, em figura de enorme dificuldade. À direita, nota-se a presença de uma pequena multidão. Envergando drapejados vistosos, o grupo bem poderia representar a corte de Susa, rainha e concubinas, que testemunhou o atleta sobrepujar a guarda de elite do Império Aquemênida. À esquerda, temos a figura sem dúvida mais expressiva da base: o próprio Dario II. O Grande Rei exprime o mais lídimo assombro. Acomodado em suntuoso trono, e trajando drapejado luxuoso, Dario II ergue o braço esquerdo, enquanto leva o direito à cabeça, coberta

<sup>6</sup>Para análise do episódio de Polidamas do ponto de vista da interação entre gregos e aquemênidas, ver: VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 52 e BRIANT, Pierre. *From Cyrus to Alexander: a History of the Persian Empire*. Tradução de Peter Daniels. Winona Lake: Eisenbrauns Press, 2002 [1996], p. 254.

com a tiara vertical, sem esconder o espanto frente à força avassaladora de Polidamas [Figura 2]. Na outra face, embora muito danificada, é possível ver as pernas, firmes e assentadas, de uma figura humana, que se engalfinham com patas e cauda de uma fera, que aparenta ser o leão [Figura 3].



**Figura 2:**  
Lísipo ou seu ateliê (atribuído a). **Prodígios de Polidamas de Escotusa.**  
Base de estátua, mármore, 1 m x 0,38 m, c. 330 a.C. Olímpia,  
Museu Arqueológico (inv. nº Λ 45).



**Figura 3:**  
Polidamas mata o leão. Detalhe da base de estátua atribuída a Lísipo ou seu ateliê.

Erigido de maneira póstuma, o monumento de Olímpia demonstra como os feitos de Polidamas se tornaram proverbiais, como afirma Palagia, citando uma passagem de *República* (1.338c), de Platão. Nela, Sócrates evoca Polidamas, o pancratista, que, com sua dieta à base de carne bovina, escolhida por ele por ser a mais adequada ao seu corpo, era mais forte do que todos os presentes (εἰ Πουλυδάμας ἡμῶν κρείττων ὁ πανκρατιαστής καὶ αὐτῷ συμφέρει τὰ βόεια κρέα πρὸς τὸ σῶμα)<sup>7</sup>.

Llewellyn-Jones tece comentários a respeito da figuração de Dario II. O autor aponta que o drapejado do Grande Rei bem poderia aludir ao *himation* grego, o que abre perspectivas para o estudo da alteridade entre helenos e aquemênidas, além de defender que soberano empunharia, à canhota, um cetro, hoje perdido. Já as figuras femininas são também representadas com trajés gregos, como o chiton. Por fim, o pancratista poderia ter visitado Susa em algum momento entre 410 e 405 a.C.<sup>8</sup>. Miller afirma que a descoberta da base pode tornar a história de Polidamas, à primeira vista insólita, ao menos plausível, além de citar que o lutador pode ilustrar o trânsito entre gregos e persas em finais do século V a.C.<sup>9</sup>.

Em investigação bastante arguta, Hyland buscou analisar o caso de Polidamas para além do simples reconhecimento esportivo ou da *imitatio Herculis*. Antes, a ida do pancratista ao coração do Império Aquemênida assumiria contornos de missão diplomática do mais alto escalão, cuja finalidade era demonstrar o apoio da Tessália, encarnada na figura de seu mais laureado cidadão, à causa persa e ao seu apoio aos espartanos no âmbito da Guerra do Peloponeso (431 – 404 a.C.). Seguindo por esse raciocínio, o grupo escultórico representaria um paradoxo curioso: se no final do século V a.C. a viagem do esportista traduziria a submissão da Tessália à Pérsia, à época de Alexandre os feitos de Polidamas, e sua representação em escultura, seriam a própria materialização das vitórias de um campeão pan-helênico, cujas tropas, inclusive, eram fartamente abastecidas por soldados tessálios<sup>10</sup>.

Para autores que defendem a presença do leão na Grécia, Polidamas representa o mais irrefutável argumento. Assim, Franks escreve que “a história de Polidamas, e a representação de seu feito, demonstram, ademais, que lutas contra leões não eram inéditas ou, tampouco, inimagináveis antes do período helenístico”<sup>11</sup>. Lane Fox sugere que Pausânias - ao afirmar que leões rondavam o monte

<sup>7</sup>PALAGIA, Olga. “Imitation of Herakles in Ruler Portraiture – A Survey, from Alexander to Maximinus Daza”. *Boreas*, vol. 9, 1986, p. 137 nota 6.

<sup>8</sup>LLEWELLYN-JONES, Llyod. “Great Kings of the Fourth Century and the Greek Memory of the Persian Past”. In: LLEWELLYN-JONES, Llyod *et alii* (eds.). *Greek Notions of the Past in the Archaic and Classical Eras*. History without Historians. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012, p. 343-6.

<sup>9</sup>MILLER, Margaret. *Athens and Persia in the Fifth Century B.C. A Study in Cultural Receptivity*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1997, p. 89.

<sup>10</sup>HYLAND, John. “The Prince and the Pancratiast: Persian-Thessalian Relations in the Late Fifth Century B.C.”. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, vol. 55, p. 315–328, 2015.

<sup>11</sup>FRANKS, Hallie. *Hunters, Heroes, Kings: The Frieze of Tomb II at Vergina*. Rome: American School of Classical Studies, 2012, p. 39.

Olimpo com frequência (πολλάκις) - é testemunho fiável para a presença dos felinos em território grego. Antes deles, Briant foi um dos pioneiros em usar tal expediente<sup>12</sup>.

A referência de Pausânias, bem como a base da estátua de Olímpia, não convence a todos. Palagia se destaca nesse filão. Em texto recente, a arqueóloga investiga a presença do trono como assento régio na Macedônia, concluindo que sua adoção pelos reis locais foi mais uma das inovações trazidas por Alexandre a partir do contato com tradições asiáticas. Nesse sentido, a base da estátua de Polidamas seria testemunho de como, do ponto de vista da arte grega, a figuração de assentos régios estava ligada à coroa aquemênida<sup>13</sup>. Já em artigo redigido com Borza, os autores argumentam, de passagem, que o encontro de Polidamas ocorreu com um leão desgarrado (*stray lion*), fugido das regiões próximas ao Olimpo<sup>14</sup>. Não obstante, o excerto em que Palagia mais estende é seguinte:

Caças ao leão, na arte grega arcaica e clássica, estão confinadas ao episódio mitológico de Hércules matando o leão de Nemeia (...). A exceção que prova a regra é a base da estátua do pancratista Polidamas de Escotusa. Mesmo tendo conquistado uma vitória olímpica em 408 a.C., sua estátua foi montada em Olímpia apenas no século IV a.C., criada pelo escultor Lísipo como retrato imaginário póstumo (...). Os relevos na base registram os dois encontros históricos com os leões. É interessante que a associação com o leão carregue conotações heróicas e nada mais<sup>15</sup>

Dentre os destaques da passagem, os mais importantes são datação tardia da estátua e sua atribuição a ninguém menos que Lísipo. Um fato inquietante é que outros autores, inclusive alguns dos quais defensores da caça ao leão na Macedônia anterior a Alexandre, reconhecem a atribuição, talvez sem atinar ao fato de que são posições mutuamente excludentes<sup>16</sup>. Ainda que não se trate de atribuição universal, mesmo autores mais céticos estipulam a datação da base de Polidamas por volta de 330 a.C., dentro, pois, do período de atuação de Lísipo<sup>17</sup>. Ulanowski repete quase as mesmas palavras de Palagia, ao afirmar que o caso de Polidamas é a exceção que prova a regra<sup>18</sup>.

<sup>12</sup>LANE FOX, Robin. "Introduction: Dating the Royal Tombs at Vergina". In: LANE FOX, Robin (ed.). **Brill's Companion to Ancient Macedon: Studies in the Archaeology and History of Macedon - 650 BC - 300 AD**. Leiden: Brill, 2011, p. 10-1 nota 24; BRIANT. *Op. cit.*, p. 237-8.

<sup>13</sup>PALAGIA, Olga. "Alexander the Great, the royal throne and the funerary thrones of Macedonia". **Karanos**, nº 1, 2018, p. 25.

<sup>14</sup>BORZA, Eugene & PALAGIA, Olga. "The chronology of the Macedonian royal tombs at Vergina". **Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts**, nº 122, 2007, p. 95.

<sup>15</sup>PALAGIA, Olga. "Hephaestion's Pyre and the Royal Hunt for Alexander". In: BOSWORTH, Albert Brian & BAYNHAM, Elizabeth (orgs.). **Alexander the Great in Fact and Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 178-81.

<sup>16</sup>Franks, por exemplo, sequer cogita atribuir a estátua à oficina de Lísipo, creditando-a ao escultor em pessoa. Ver: FRANKS. *Op. cit.*, p. 39.

<sup>17</sup>LLEWELLYN-JONES. *Op. cit.*, p. 343. Para todo o debate, ver: KOSMOPOULOU, Angeliki. **The Iconography of Sculptured Statue Bases in the Archaic and Classical Periods**. Madison: University of Wisconsin Press, 2002, p. 156-64.

<sup>18</sup>ULANOWSKI, Krzysztof. "The Metaphor of the Lion in Mesopotamian and Greek Civilization". In: ROLLINGER, Robert & van DONGEN, Erik (eds.). **Mesopotamia in the Ancient World - Impact, Continuities, Parallels**. Proceedings of the Seventh Symposium of the Melammu Project Held in Oberurg, Austria, November 4-8, 2013. Münster: Ugarit-Verlag, 2015, p. 256 nota

Se o aspecto mitológico, e mesmo apócrifo, do feito hercúleo de Polidamas é lembrado à farta pela historiografia, a problematização da fonte de que dispomos para o episódio não parece ser feita com a mesma regularidade. Em primeiro lugar, Pausânias morreu em c. 180 a.C., quase 600 anos após a vitória do pancratista, ocorrida em 408 a.C. Mais importante é lembrar o método de trabalho e os objetivos centrais de Pausânias: descrever os monumentos gregos mais notáveis em um momento do Império Romano, sob Adriano em particular, em que o filo-helenismo estava em alta<sup>19</sup>. Sendo assim, não seria de se espantar se o Pausânias tivesse, primeiro, descoberto a estátua de Polidamas em Olímpia para, em seguida, buscar informações a respeito de quem ou que estaria figurado. Nesse caso, o artefato, dotado da devida agência, teria impulsionado o geógrafo a investigar a respeito.

Em segundo lugar, a atribuição a Lísipo ou ao seu ateliê é de enorme importância. O escultor de Sícion não apenas era o favorito de Alexandre como também figurou grupo com o conquistador e Crátero em cinegética leonina. Alguns trechos são claros a esse respeito. De partida, Plínio (NH 34. 64): “Lísipo é notável por ter esculpido a flautista embriagada (...) fez, da mesma forma, a caçada de Alexandre, a qual está consagrada em Delfos” (*nobilitatur Lysippus et temulenta tibicina [...] Idem fecit Alexandri venationem, quae Delphis sacrata est*). Em seguida, dois passos de Plutarco. O primeiro, da *Vida de Alexandre* (40. 3-4):

[Alexandre], de fato, se desgastava de forma mais estrênuo nas campanhas e nas caçadas, angustiando-se e arriscando-se. Chegou ao ponto de um embaixador lacedemônio, que estava ao seu lado enquanto ele abatia um enorme leão, dizer-lhe: “Valentemente, decerto, Alexandre, disputaste o reino com o leão!” Crátero consagrou essa cena de caça em Delfos, com estátuas em bronze do leão, dos cães, do rei combatendo o leão, e dele mesmo, [Crátero], acudindo em socorro do rei; algumas [dessas estátuas foram] esculpidas por Lísipo, outras por Leocares<sup>20</sup>.

O segundo, de *Sobre a Fortuna e a Virtude de Alexandre Magno* (2.2)

Por isso, Alexandre ordenou que tão somente Lísipo fizesse seu retrato. Pois apenas ele, ao que parecia, trouxe o real caráter de Alexandre ao bronze e deu forma à sua excelência essencial. Pelo que os outros, apressados em representar seu pescoço

9. Para Carlà, o episódio de Polidamas é, quase todo ele, celebração mitológica. Ver: CARLÀ, Filippo. “Hunting, Greece and Rome”. In: BAGNALL, Roger *et alii* (orgs.). *The Encyclopedia of Ancient History*. Hoboken: Blackwell, 2013, p. 3342-4.

<sup>19</sup>Uma introdução útil ao tema é: PRETZLER, Maria. *Pausanias: Travel Writing in Ancient Greece*. Londres: Bloomsbury Academic, 2007.

<sup>20</sup>(...) ἐπέτεινεν οὖν ἔτι μᾶλλον αὐτὸς ἑαυτὸν ἐν ταῖς στρατείαις καὶ τοῖς κυνηγεσίαις, κακοπαθῶν καὶ παραβαλλόμενος, ὥστε καὶ Λάκωνα πρεσβευτὴν παραγενόμενον αὐτῷ λέοντα καταβάλλοντι μέγαν εἰπεῖν: ‘καλῶς γε, Ἀλέξανδρε, πρὸς τὸν λέοντα ἠγώνισαι περὶ τᾶς βασιλείας.’ τοῦτο τὸ κυνήγιον Κρατερὸς εἰς Δελφοὺς ἀνέθηκεν, εἰκόνας χαλκᾶς ποιησάμενος τοῦ λέοντος καὶ τῶν κυνῶν καὶ τοῦ βασιλέως τῷ λέοντι συνεστώτος καὶ αὐτοῦ προσβοηθοῦντος, ὧν τὰ μὲν Λύσιππος ἔπλασε, τὰ δὲ Λεωχάρης.

torcido e seus olhos límpidos e difusos, foram ineptos em preservar seu comportamento viril e o leonino<sup>21</sup>.

Lísipo, portanto, atua em ambiente de finais do século IV a.C. que contrasta visceralmente com aquele em que Polidamas teria abatido o leão. Com a expedição macedônia consolidada, com o repertório da venatória leonina em franca ascensão e com o desejo do conquistador e de seus legatários em se afirmarem como reis da Ásia, não parece exagero conjecturar que Lísipo, ao retratar Polidamas, o fizesse mais inspirado pela corte a que servia do que como tributo à memória do pancratista. Como afirmou Llewellyn-Jones, todo o cenário indica que a figura de Polidamas, esposado a Hércules e Alexandre, foi retomada como metáfora para a derrocada do Império Persa<sup>22</sup>. Por fim, é digno de registro que o grupo escultórico de Lísipo possa ter sobrevivido na forma de um mosaico descoberto na Casa de Dioniso, em Pela, conforme busquei demonstrar em estudo anterior<sup>23</sup>.

### Considerações finais

Mais do que querela de eruditos ou curiosidade de antiquário, a contenda sobre a presença do leão em solo grego é de capital importância para o estudo das relações entre Grécia, Macedônia e os impérios da Ásia. Para Polidamas, entretanto, precauções de ordens diversas devem ser tomadas. Em primeiro lugar, o relato potencialmente viciado de Pausânias - tanto pelos ecos textuais quanto pelo arroubo retórico às proezas de Hércules. Neste caso, é mais do que sintomático que o autor utilize a mesma fórmula textual para referenciar tanto as empresas do herói argivo (τὰ Ἡρακλέους ἔργα) quanto as do esportista tessálio (τοῦ Πουλυδάμαντος τὰ ἔργα). A atribuição da base de Olímpia a Lísipo é ainda mais desconcertante, quer pelo lapso temporal quer, sobretudo, pela sensível mudança de cenário entre 408 e 330 a.C., de modo que, se este estudo foi conduzido com propriedade, ele logrou demonstrar como o caso de Polidamas de Escotusa não pode ser apresentado como argumento cabal em favor da presença autóctone de leões na Grécia e, sobretudo, na Macedônia.

---

<sup>21</sup>διὸ καὶ μόνον Ἀλέξανδρος ἐκέλευε Λύσιππον εἰκόνας αὐτοῦ δημιουργεῖν. μόνος γὰρ οὗτος, ὡς ἔοικε, κατεμήνυε τῷ χαλκῷ τὸ ἦθος αὐτοῦ καὶ συνεξέφερε τῇ μορφῇ τὴν ἀρετὴν: οἱ δ' ἄλλοι τὴν ἀποστροφὴν τοῦ τραχήλου καὶ τῶν ὀμμάτων τὴν διάχυσιν καὶ ὑγρότητα μιμῆσθαι θέλοντες οὐ διεφύλαττον αὐτοῦ τὸ ἀρρενωπὸν καὶ λεοντώδες. A informação de que Lísipo era o único escultor autorizado a retratar Alexandre também se encontra em Plínio (NH 3.37). Horácio (Ep. 2.1.240); Valério Máximo (8.11.2) e Arriano (Anab. 2.16.4).

<sup>22</sup>LLEWELLYN-JONES. *Op. cit.*, p. 345.

<sup>23</sup>BIAZOTTO, Thiago. "Alexandre Magno, caçador de leões: Mosaico de Pela e a doação de Crátero em Delfos". *Figura. Studi Sull'Immagine Nella Tradizione Classica*, vol. 8, p. 71-117, 2020.

## Referências bibliográficas

BLAZOTTO, Thiago. “Alexandre Magno, caçador de leões: Mosaico de Pela e a doação de Crátero em Delfos”. **Figura. Studi Sull`Immagine Nella Tradizione Classica**, vol. 8, p. 71-117, 2020.

BORZA, Eugene & PALAGIA, Olga. “The chronology of the Macedonian royal tombs at Vergina”. **Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts**, nº 122, p. 81-125, 2007.

BORZA, Eugene. **In the Shadow of Olympus: The Emergence of Macedon**. Princeton: Princeton University Press, 1990

BRIANT, Pierre. “Chasses royales macedoniennes et chasses royales perses: le theme de la chasse au lion sur la Chasse de Vergina”. **Dialogues d`histoire ancienne**, nº 17, p. 211-255, 1991.

BRIANT, Pierre. **From Cyrus to Alexander: a History of the Persian Empire**. Tradução de Peter Daniels. Winona Lake: Eisenbrauns Press, 2002 [1996].

CARLÀ, Filippo. “Hunting, Greece and Rome”. In: BAGNALL, Roger *et alii* (orgs.). **The Encyclopedia of Ancient History**. Hoboken: Blackwell, 2013, pp. 3342-3344.

FRANKS, Hallie. **Hunters, Heroes, Kings: The Frieze of Tomb II at Vergina**. Rome: American School of Classical Studies, 2012.

HYLAND, John. “The Prince and the Pancratiast: Persian-Thessalian Relations in the Late Fifth Century B.C.”. **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, vol. 55, p. 315–328, 2015

KOSMOPOULOU, Angeliki. **The Iconography of Sculptured Statue Bases in the Archaic and Classical Periods**. Madison: University of Wisconsin Press, 2002.

LANE FOX, Robin. “Introduction: Dating the Royal Tombs at Vergina”. In: LANE FOX, Robin (ed.). **Brill’s Companion to Ancient Macedon: Studies in the Archaeology and History of Macedon - 650 BC–300 AD**. Leiden: Brill, 2011, p. 1-34.

LLEWELLYN-JONES, Llyod. “Great Kings of the Fourth Century and the Greek Memory of the Persian Past”. In: LLEWELLYN-JONES, Llyod *et alii*. (eds.). **Greek Notions of the Past in the Archaic and Classical Eras**. History without Historians. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012, p. 317-346.

MacKINNON, Michael. “Fauna of the Ancient Mediterranean World”. In: CAMPBELL, Gordon Linsay (ed.). **The Oxford Handbook of Animals in Classical Thought and Life**. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 147-166.

MILLER, Margaret. **Athens and Persia in the Fifth Century B.C.** A Study in Cultural Receptivity. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1997.

PALAGIA, Olga. “Alexander the Great, the royal throne and the funerary thrones of Macedonia”. **Karanos**, nº 1, p. 23-34, 2018.

PALAGIA, Olga. “Hephaestion’s Pyre and the Royal Hunt for Alexander”. In: BOSWORTH, Albert Brian & BAYNHAM, Elizabeth (orgs.). **Alexander the Great in Fact and Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 167-206.

PALAGIA, Olga. "Imitation of Herakles in Ruler Portraiture – A Survey, from Alexander to Maximinus Daza". *Boreas*, vol. 9, p. 137-153, 1986.

PRETZLER, Maria. *Pausanias: Travel Writing in Ancient Greece*. Londres: Bloomsbury Academic, 2007.

ULANOWSKI, Krzysztof. "The Metaphor of the Lion in Mesopotamian and Greek Civilization". In: ROLLINGER, Robert & van DONGEN, Erik (eds.). **Mesopotamia in the Ancient World - Impact, Continuities, Parallels**. Proceedings of the Seventh Symposium of the Melammu Project Held in Obergurgl, Austria, November 4–8, 2013. Münster: Ugarit-Verlag, 2015, p. 255-284.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.